

Quinze anos atrás, o editorial que inaugurava e apresentava *Percurso* trazia também uma disposição, na qual equipe editorial e membros do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae viam refletido seu acordo, a de “pensar a psicanálise” de um determinado modo. Este consistia em vê-la como “algo que se historiciza, que se inscreve no cruzamento de determinações psíquicas, sociais, temporais”. Se termos chegado ao número trinta é motivo para comemoração, não deixa também de constituir ocasião oportuna para revermos propósitos e aquele compromisso de levar em conta a temporalidade e a historicidade. A teoria psicanalítica têm suas concepções próprias da temporalidade psíquica, partindo das primeiras concepções freudianas, da crítica que destas se faz e de desenvolvimentos mais ou menos ortodoxos. Mas pensar no próprio movimento da História, ao longo do qual teoria e prática psicanalítica tem ou não condições de se superar conservando, seria talvez plenamente possível apenas para um pensador que se colocasse fora do tempo. Não obstante, reconhecer que a psicanálise não se tornou uma essência congelada exige que tenhamos consciência daquilo que é refletido nas microssituações, vividas na prática. É preciso retomar ainda o cruzamento visado na proposta inaugural, seus sentidos *a posteriori*.

O cruzamento de determinações no qual a psicanálise se inscreve põe hoje em primeiro plano a face miserável da violência. É esta a crueldade? Deriva de uma insuperável tendência sádica na origem da psique? Inclusão social inferiorizante, aquém da cidadania, aquém do aquém do humano, é isto um fenômeno universal que só pode ser subsumido pela história evolutiva abstrata do aparelho psíquico? Se a violência está no mito fundador da psicanálise, se *Totem e tabu* tem a função de lembrar-nos quem somos, constitui não mais que um marco comemorativo, insuficiente para nos orientar.

Qual é o modelo de apreensão do concreto, qual é o paradigma de psicanálise aplicada que nos permite reafirmar a possibilidade de a psicanálise não se afastar da História? Se uma resposta assertiva está para além do além daquilo em que certos textos de *Percurso* têm tocado, esta, ainda assim, não extingue seu projeto editorial. Desejo e consciência, que não podem ser idênticos à intenção situada no passado, abrem-se para a proposta presente, doadora de futuro. *Percurso* se dispõe no vir-a-ser, solidário para com a investigação que se volta para a singularidade do sujeito, no interior de suas inter-relações e interações de uma dada sociedade. Quinze anos, têm o projeto fundador e o percurso desta revista. Que seja um começo, um *début*.